

Relatos de viagem

Máfia



Por Myrthes Gonzalez

Naquela época ainda não existia o euro, eu e Marco andávamos pela Europa com pouco dinheiro e muito amor e paixão. Eu dava cursos de Biodanza nos finais de semana e de segunda a sexta íamos a algum lugar que nos interessava conhecer. Foi depois de trabalhar em Roma que embarcamos no início da noite de domingo em um trem noturno para Palermo.

Não lembro exatamente o que nos motivou a ir até lá. Eu conhecia o norte da Itália, mas jamais tinha ido mais ao sul do que Nápoles. Para Marco era a primeira vez na Europa. Quem sabe estávamos buscando uma Itália mais alegre e quente, típica ou caricatural. Uma coisa é certa, eu e Marco apreciamos azeite de oliva. E o azeite da Sicília é especial: gosto forte e uma trava na língua que dá um toque maravilhoso a todos os pratos. Creio que não nos veio à mente a coisa mais óbvia: estávamos indo para cidade onde nasceu a Máfia. O máximo que lembrava era da cena do Poderoso Chefão onde um velhinho faz seu café da manhã banhando um naco de pão em um prato cheio de um azeite tão puro que tinha cor verde dourada.

Viajamos à noite em uma cabine com mais dois homens. Um deles era treinador de um time de futebol, e outro era um adolescente jogador do time. Os corredores estavam abarrotados destes jovens. Nossas malas eram grandes e pesadas e as deixamos embaixo do banco que mais tarde deveria virar cama. O homem implicou com nossas malas e disse que tinham que ficar no espaço acima das camas, reservado para os objetos dos passageiros. Disse a ele que não tínhamos força para levantar e acrescentei apontando a mala: *“Prego Signore”*

Proibida reprodução total ou parcial do texto, sem expressa autorização. © Myrthes Gonzalez 2015

O dedo mindinho daquele homem tinha uma unha de coçar orelha, longa e cuidadosamente preservada. Eis que, ao levantar minha mala, ele quebra seu tesouro. Após uma explosão de xingamentos em algum dialeto siciliano, ele, felizmente, resolveu não falar mais conosco.

Durante a madrugada o trem entrou em um navio para atravessar o estreito de Messina. Fomos ao convés do barco ver a chegada a Sicília. Tudo era novidade. Chegamos a Palermo no meio da manhã e fomos buscar uma pensão que coubesse em nosso bolso, pois, naquela época, andávamos pelo mundo assim, sem reservas.

Palermo tinha uma atmosfera diferente. Claro que o clima era mais quente que no norte e havia mosquitos, mas logo percebi que existia na cidade uma tensão, que não sabia explicar. Havia ali um encontro de oriente e ocidente. Comecei a ficar com medo de olhar as pessoas nos olhos, especialmente os homens. Percebia que o encontro de olhares era compreendido como uma permissão ou convite para uma proximidade que eu não queria.

Visitamos algumas belíssimas praias nas proximidades e passeamos pelas ruas de um comércio fervilhante. Não quis visitar um museu onde uma parcela considerável da população que viveu na cidade no século XVI estava mumificada e exposta pelas paredes em seus melhores trajes.

O que lembro bastante daquela viagem é que estávamos sempre com fome. Digamos que nossa dieta estava sempre entre *panino*, *pasta* e *pizza*. Uma boa proteína animal *alla gaúcha* era coisa rara. Foi então que em nosso

segundo dia em Palermo passeávamos pela Vucciria, um mercado de especiarias, verduras, carnes e muita muamba ilegal. Daqueles lugares que em um piscar de olhos uma pessoa pode conhecer os dotes ilusionistas de um malandro italiano e ficar sem dinheiro e documentos. Em pleno meio-dia passamos por uma carrocinha onde uma



maravilhosa carne com molho perfumava todo ambiente. O dono da carrocinha pegava o manjar com a mão- sem luvas e ricamente adornada com a famosa unha de coçar orelha - e o atirava dentro de um pão previamente cortado. Não lembro como fazia para cobrar pois toda minha atenção estava voltada para aquele banquete que se aproximava.

Comemos quase sofregamente e ao final me veio uma curiosidade:

- Marco, que carne será esta?
- Acho que é cabrito... Buchada de cabrito.

Algo que somente comeria em um estado de total inconsciência, pois até hoje acredito que vísceras são intragáveis.

Naquela mesma noite decidimos ir jantar frutos do mar. Afinal estávamos na Sicília, e uma bela pasta com *pesce e gamberi* seria bem-vinda.

Saímos do restaurante felizes e rosados de vinho. Caminhávamos por uma zona da cidade cheia de casas antigas, geminadas, de dois ou três andares. Começamos a ouvir gritos, e o som de janelas se fechando bruscamente. Olhamos para a entrada de uma pequena rua iluminada por luzes amarelas. Ali estavam dois homens vestidos no mais impecável estilo máfia. Um

estava atirado no chão, enquanto o outro chutava com violência seu rosto. Eles pareceram não notar nossa presença e se notaram não paralisaram sua atividade.

Sáímos de fininho e eu queria pegar as malas e fugir da cidade imediatamente. Marco me convenceu a esperar até outro dia, quando, na primeira hora, pegamos o primeiro trem para algum lugar bem longe dali.

Ao sair do hotel me deparei com um pôster que não havia visto antes. Nele havia uma magnífica montanha nevada à beira do mar. Estava escrito Monte Etna. Jurei que um dia iria subir aquela montanha. Mas esta é outra Sicília e outra história.

